

# CADERNOS DE GEOGRAFIA

INSTITUTO DE ESTUDOS GEOGRÁFICOS  
FACULDADE DE LETRAS □ UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA 1998 N.º 17

HOMENAGEM AO DOUTOR J. M. PEREIRA DE OLIVEIRA



## CRIAÇÃO DE UMA ÁREA DE PAISAGEM PROTEGIDA COMO MEIO DE DESENVOLVIMENTO INTEGRADO

SERRA DA FREITA: POTENCIAL EXEMPLO NUM TERRITÓRIO DE MONTANHA <sup>1</sup>.

A. M. Rochette Cordeiro\*

*"A quem nos mostrou a realidade de uma geografia cultural"*

### 1. NOTA INTRODUTÓRIA

O reajustamento estrutural e funcional do tecido económico português após a integração europeia, em especial o do mundo rural, com a necessidade de procura de alternativas para a agricultura tradicional, actividade predominante das populações e fonte de riqueza destas áreas, tende a provocar na actualidade um profundo questionar sobre essas mesmas alternativas. O reflexo de toda a desagregação dos espaços de vida tem passado por um envelhecimento da população e um despovoamento dos pequenos aglomerados de montanha.

Simultaneamente, tem-se assistido a uma crescente procura das raízes por parte da população urbana que, ao debater-se com o ritmo alucinante em que é vivido o dia a dia nas grandes cidades, tem originado uma procura cada vez maior do conhecer ou visitar áreas rurais do território português que até há pouco eram unicamente do conhecimento da população autóctone e dos investigadores e amantes das ciências naturais e humanas.

A complementaridade entre estes dois factos no desenvolvimento integrado das áreas do interior do território nacional, pode parecer um pouco estranha. No entanto, o aproveitamento de todo o potencial endógeno destas regiões, associado a uma cada vez maior procura de um turismo alternativo ao ainda dominante turismo Sol/Mar, pode levar, desde que bem avaliado, ao desenvolvimento de áreas marcadas por limites de marginalidade.

A revalorização das regiões de montanha e do interior do nosso país, com base na paisagem, nas grandes unidades naturais, nos patrimónios histórico, artístico e construído, bem como nos diferentes aspectos culturais das suas gentes deverá ser, em nossa opinião, um factor decisivo

no desenvolvimento integrado de regiões cujas riquezas têm sido, em norma, esquecidas.

A interacção entre os factores humano e natural deve, no entanto, ser equilibrada, de modo a que proporcione simultaneamente uma melhoria das condições de vida das populações com a sua consequente fixação e a uma preservação e melhoria ambiental.

Será por isso necessário um profundo conhecimento de toda a riqueza endógena da área, isto de forma a potenciar e equacionar as novas linhas de um desenvolvimento sustentado para a região, função em que o geógrafo deverá assumir papel preponderante.

A Serra da Freita é um dos casos em que esta riqueza terá de ser equacionada, com vista a um melhor conhecimento por parte das gerações actuais e à sua preservação para as gerações vindouras. É assim que ao longo dos últimos anos muitos de nós têm defendido a criação de uma "Área Protegida", de modo que um verdadeiro projecto de ordenamento seja concretizado, enquadrando-se o desenvolvimento deste sector num só todo.

### 2. LOCALIZAÇÃO

Entre os rios Paiva e Vouga, no Centro-Norte litoral de Portugal, localiza-se um importante conjunto montanhoso, o qual foi pela primeira vez designado por GIRÃO (1922) como Maciço da Gralheira. Porém, é FERREIRA (1978) que diferencia, o bloco mais baixo que constitui a Serra do Arestal, do grande bloco hexagonal, que, com valores altitudinais de mais de 1000 metros, se distingue claramente do anterior.

Durante muitos anos, e mesmo em mapas actuais, fez-se a distinção entre Serra da Freita e Serra do Arestal, facto que desde sempre nos pareceu bastante artificial, já que do ponto de vista estrutural e morfológico esta divisão não parecia fazer sentido. Trata-se de uma designação que se terá prendido com a divisão administrativa, já que os concelhos de S. Pedro do Sul, Arouca e Vale de Cambra e os distritos de Viseu e Aveiro têm o seu limite nesta serra (CORDEIRO, 1988).

<sup>1</sup> Este trabalho foi inicialmente desenvolvido com a colaboração das geógrafas Lília Rebelo e Maria do Céu Silva e ainda do arqueólogo Fernando Silva, visando a apresentação de uma comunicação e de um poster em reunião científica em 1993.

\* Instituto de Estudos Geográficos. Faculdade de Letras. Universidade de Coimbra.

Este sector de montanha, que se pretende preservar, e ao mesmo tempo dar a conhecer, apresenta uma localização preferencial relativamente a grandes e médios centros populacionais, bem como relativamente a alguns dos actuais eixos rodoviários nacionais. Aliás, o facto da Serra da Freita apresentar uma relação visual directa com as cidades do Porto, Aveiro e Viseu, e ainda com grande número dos núcleos populacionais dos distritos envolventes, bem como a sua proximidade relativa a eixos rodoviários principais, tais como a Auto-estrada nº 1 – Porto/Lisboa e o Itinerário Principal nº 5 – Aveiro/Vilar Formoso vai levar a que se torne num ponto de referência a conhecer pelos diferentes observadores<sup>2</sup>.

A própria localização intermédia entre a Reserva Natural de S. Jacinto e o Parque Nacional da Serra da Estrela deverá potenciar todo um tipo de relações, da qual sairá beneficiada uma “área protegida” a ser criada na Serra da Freita.

A área de influência que se poderá perspectivar em função desta localização, e ainda sem estar implícita a necessidade de divulgação e promoção deste sector de montanha, apresenta uma dimensão enorme, ultrapassando assim, largamente, os três concelhos que têm administração directa sobre o sector em análise.

O aproveitamento de recursos endógenos de regiões de passagem dos grandes fluxos turísticos ou mesmo de amplas áreas repulsivas do ponto de vista económico torna-se factor primordial para um integrado e sustentável desenvolvimento local e valorização dos espaços rurais.

### 3. ALGUNS CONCEITOS PARA UMA DELIMITAÇÃO DA ÁREA A PROTEGER

A Serra da Freita enferma, tal como muitas outras áreas do território português, de um posicionamento periférico relativamente aos poderes de decisão, quer sejam eles de índole nacional, quer sejam de índole autárquica. Sobre os pontos mais elevados deste sector montanhoso, estão traçados os limites de três concelhos, dois distritos, duas Comissões de Coordenação, duas NUT's e duas Regiões de Turismo.

É assim um facto que as diferentes autoridades observam com alguma atenção estas áreas montanhosas, fundamentalmente em período eleitoral, e mesmo nesses momentos sempre tendo em linha de conta o peso relativo que apresentam nas mais valias eleitorais estas áreas semi-

-despovoadas. Esquecem-se, com regularidade, em função deste peso, os principais anseios das populações olhando estes sectores como algo de exótico onde é agradável passar alguns dos momentos de ócio.

A definição do objecto em estudo, com vista à criação de uma “área protegida” neste sector de média montanha, terá de ser um dos factores iniciais a ter em conta, ao qual se deverão associar as diferentes relações existentes entre os vários problemas conjunturais que afligem sectores idênticos de três concelhos. Numa fase seguinte, deverão identificar-se e classificar-se as suas principais riquezas endógenas.

A velha delimitação administrativa — serras da Freita e da Arada — foi, como se referiu, desde há muito ultrapassada pelos geógrafos, com a definição do bloco montanhoso superior — a Serra da Freita —, desnivelado do bloco mais baixo — Serra do Arestal — por um acidente tectónico. Estes dois blocos no seu conjunto constituem o Maciço da Gralheira, cujos limites geográficos são constituídos pelos rios Paiva (a Norte) e Vouga (a Sul) e pelas vertentes definidas inicialmente pelos acidentes tectónicos de Orense-Bacia da Lousã (a leste) e de Vale de Cambrio Douro (a oeste).

Na mesma linha, também os biólogos responsáveis pelo Programa “Corine” definiram um único biótopo nos sectores mais elevados deste conjunto montanhoso: o biótopo da Freita.

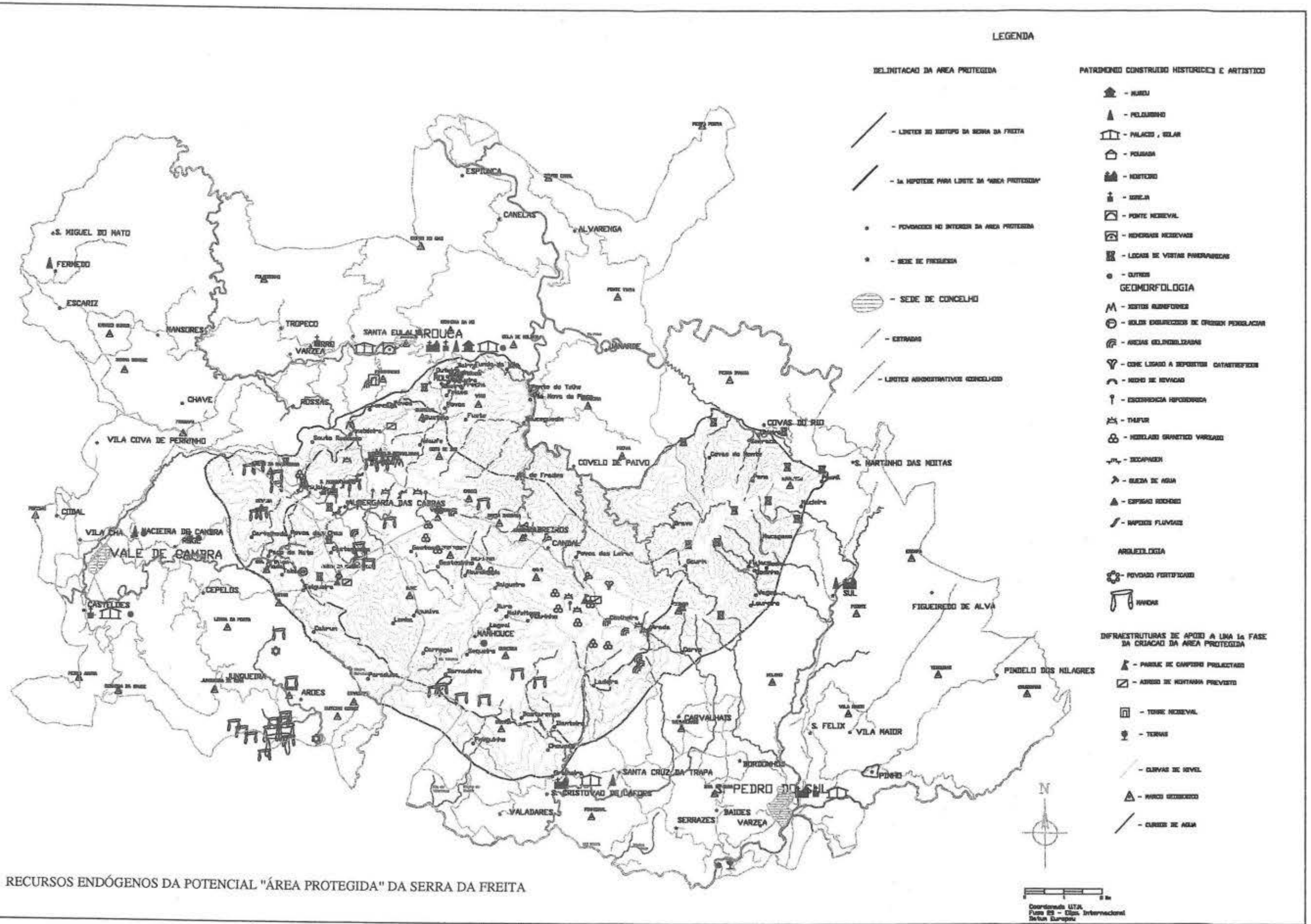
A unidade possível num sector dominado por litologia composta por granitóides e xistos de grau de metamorfose diferenciados, mas com os grandes traços geomorfológicos e climáticos muito semelhantes, bem como, uma diferente forma de povoamento e diferentes traços comuns sócio-culturais, levou a uma proposta inicial de delimitação que apresenta como traço comum a proximidade da altimetria dos 600 metros, embora o fundamental se prenda com os traços comuns dos aspectos culturais das populações.

Quando de uma análise inicial dos problemas que afectam o espaço de montanha anteriormente definido, bem como as suas populações, alguns destes saltam de imediato à vista de um aprendiz destas temáticas.

O problema fundamental prende-se com uma profunda falta de recursos humanos, isto devido à existência de uma população envelhecida e com baixo nível de escolaridade, o que, associado à escassez de formação profissional, oferece a estas populações poucas alternativas de emprego, ou mesmo a possibilidade de se inserir num mercado de pluriactividade num espaço em vias de desarticulação social por força das alterações estruturais no sector agrícola, do qual estas populações dependiam quase que exclusivamente.

Ao constatar-se que o espaço de vida de montanha da Serra da Freita, pode, num futuro próximo, desarticular-se, levando ainda a um mais significativo envelhecimento e despovoamento desse mesmo espaço, deve meditar-se sobre as diferentes possibilidades de inverter essa tendência.

<sup>2</sup> Um pouco mais afastada, mas com um contacto visual durante grande parte do seu percurso, também o Itinerário Principal nº 3, deve ser considerado como um eixo rodoviário importante no contexto da Serra da Freita, se bem que deverá ser integrado numa análise mais vasta. Não se refere nesta nota todo o conjunto de acessos directamente relacionados com a rede viária nacional (E.N.) que atravessa ou circunda a área. Porém, aquando da realização do plano de ordenamento, esta análise deverá ser equacionada na relação entre esta e os eixos principais.



LEGENDA

- DELIMITAÇÃO DA ÁREA PROTEGIDA**
- LINHAS DO BORDO DA SERRA DA FREITA
  - A HIPÓTESE PARA LIMITE DA "ÁREA PROTEGIDA"
  - FUNDADOS NO INTERIOR DA ÁREA PROTEGIDA
  - SEDE DE FREGUESIA
  - SEDE DE CONCELHO
  - ESTRADA
  - LIMITES ADMINISTRATIVOS CONCELHO

- PATRIMÓNIO CONSTRUÍDO HISTÓRICO E ARTÍSTICO**
- MURU
  - FOLGADO
  - PALÁCIO, SELAR
  - FOLGADA
  - MONTEIRO
  - TORRE
  - PONTE NEBREVAL
  - MONUMENTOS NEBREVAIS
  - LOCALS DE VISITAS PREPARADAS
  - OUTROS
- GEOMORFOLOGIA**
- ZESTOS SUBFORMES
  - SOLOS EMERGENTES DE CRISTAL PENGLAZIA
  - ÁREAS DELIMITADAS
  - CUME LIGADO A DEPOSITO CATASTRÓFICO
  - MUDO DE REVACAO
  - ESCADARIA REPERCUSSA
  - TAFUR
  - NEBREVALS QUARTICO VAREZAS
  - SOCAPNEIS
  - BARRA DE AGUA
  - CRISTAL RECHES
  - NAPDES FLUVIAIS
- ARQUEOLOGIA**
- FUNDADO FORTIFICADO
  - MURUS
- INFRAESTRUTURAS DE APOIO A LINA 1ª FASE DA CRIAÇÃO DA ÁREA PROTEGIDA**
- PARQUE DE CAMPESIO PROTECTADO
  - ARRADO DE KORTANA PREVISTO
  - TORRE NEBREVAL
  - TORRES
  - CURVAS DE NIVEL
  - MURUS DEMONSTRADO
  - CURVAS DE AGUA

RECURSOS ENDÓGENOS DA POTENCIAL "ÁREA PROTEGIDA" DA SERRA DA FREITA



Coordenadas UTM  
Fuso 29 - Zona Intermediária  
Datum Europeu

Inventariar, potenciar e divulgar as riquezas endógenas da Serra da Freita, pode e deve ser um dos caminhos a ser trilhado, pelo que a criação de uma "Área Protegida" nos parece ser o objectivo prioritário a atingir, isto de forma a definir uma imagem unificada de um sector que foi sempre gerido de costas voltadas.

#### 4. O INVENTARIAR DA RIQUEZA E DA VARIEDADE DOS FACTORES ENDÓGENOS

O momento primeiro de todo este longo caminho deve ser, como seria de esperar, o profundo conhecimento da área em questão. Como se poderá criar algo, quando não se conhece o objecto? Desta forma, esse momento do desenvolvimento do projecto deverá sempre passar pela inventariação de toda a riqueza endógena que constitui a possível área a proteger. Tem-se forçosamente de saber o que se vai proteger.

Quanto a este ponto, não parecem existir dúvidas. A realização de dezenas de trabalhos de índole científica, e não só, sobre a diversidade de factores naturais que deverão estar na origem do desenvolvimento da proposta para a classificação de "Área Protegida" para um sector significativo do bloco superior do Maciço da Gralheira, reforçam este desejo.

##### 4.1. Principais aspectos paisagísticos

Numa primeira aproximação, ao observarem-se os diferentes sectores envolventes do maciço montanhoso, perde-se o visitante no domínio das imensas componentes paisagísticas do Portugal Central que em cada curva de estrada se descortina em dias de boa ou razoável visibilidade.

Mesmo para os simples iniciados no âmbito das Ciências da Terra, fácil é descortinar a amplitude da paisagem natural que pode ir a SW desde os contrafortes da Cordilheira Central (serras da Estrela, Açor e Lousã), das serras do Caramulo (a Sul), Montemuro (a Norte) ou mesmo mais longe da Serra do Marão (a Norte/Nordeste), ou vislumbrando a Oriente os sectores aplanados do Portugal Central (Plataforma do Mondego, Superfície Superior de Viseu e Meseta), ou mesmo a Ocidente, uma diversidade significativa dos aspectos litorais (Plataforma Litoral, Laguna de Aveiro e Plataforma do Porto).

Do ponto de vista da paisagem humanizada, o mesmo se verifica, com a observação dos grandes aglomerados populacionais (Porto, Aveiro, Viseu, S. João da Madeira e Oliveira de Azeméis, entre muitos outros), ou dos aspectos rurais (as povoações, a arquitectura, os campos, etc.).

##### 4.2. Aspectos fundamentais do coberto vegetal

O facto de uma importante área do sector que se tem vindo a propor com vista à sua classificação se apresentar

dominado por manchas plantadas de eucalipto e pinheiro bravo, não deve ser factor de menos interesse pela componente vegetação. Se, só por si, o facto de paralelamente existirem ainda alguns redutos de vegetação autóctone composta por uma mata onde predominam diferentes tipos de carvalhos (*Quercus robur*, *Quercus suber*, *Quercus rotundifolia*)<sup>3</sup>, não é menos verdade que, quer em sectores de matas plantadas, quer em áreas onde o estrato arbóreo é inexistente, foram já identificadas cerca de centena e meia de espécies.

A contínua observação do espaço montanhoso, em especial das áreas com os referidos valores altimétricos superiores aos 600 metros, parece indicar, claramente, uma divisão em quatro grandes tipos de vegetação, isto de acordo com o referido por Direito (1970): matas de pinheiros, matas de carvalhos, matos secos e higrófilos e "relvados".

No caso das matas de pinheiros elas são compostas fundamentalmente por *Pinus pinaster* e *Pinus silvestris* L., tanto sob a forma de povoamentos individuais como em povoamentos mistos. O estrato herbáceo é na grande maioria composto pela carqueja (*Chaemaespartium tridentatum*) e pela urze (*Ericaceae*). Em situações muito pontuais pode aparecer um tapete de gramíneas como é o caso das do género *Agrostis* ou da *Festuca rubra* e do *Lotus corniculatus* L.

As matas de carvalhos apresentam-se como o que resta da vegetação climax anterior ao início do impacte antrópico, que como se sabe é já muito antigo. Carvalho roble (*Quercus robur*), sobreiro (*Quercus suber*), azinheira (*Quercus rotundifolia*) e carvalho negral (*Quercus pyrenaica*) são os mais representados na Serra da Freita, associando-se a estas inúmeras espécies arbustivas e herbáceas das quais se destacam a *Hypericum linariifolium* Vahl.<sup>4</sup>

A vegetação higrófila desenvolve-se fundamentalmente nos solos coluviais de tipo turfeira muito comuns nas linhas de água dos níveis mais elevados. Espécies como as *Potentilla erecta* (L.) Rauschel, *Luzula campestris* (L.) Dc. e a *Calluna vulgaris* (L.) Hull parecem ser as principais.

No que respeita à flora, a riqueza da Serra da Freita ultrapassa largamente o atrás mencionado, no entanto, deverão referir-se, quer pela sua raridade, quer pela sua distribuição restrita, das espécies *Murbeckiella sousae*

<sup>3</sup> Outras espécies arbóreas e arbustivas têm o seu aparecimento: o medronheiro (*Arbutus unedo*), o azereiro (*Prunus lusitanica*) e o castanheiro (*Castanea sativa*) são algumas daquelas que devem encontrar-se relacionadas com a vegetação primitiva. Bastante raro, encontram-se ainda o azevinho (*Ilex aquifolium*), o qual por vias do seu interesse comercial começou recentemente a ser plantado.

<sup>4</sup> Os matos mais representados nas vertentes da serra e que são, pode-se afirmar, a imagem por excelência da vegetação para pastoreio que se vem a desenvolver há milénios, são os matos secos, compostos em grande maioria pela carqueja e pela urze. A coloração oferecida pela floração destas espécies tornam as vertentes dos sectores mais elevados da montanha um raro espectáculo de tons amarelos da flor da carqueja e os violetas da flor da urze.

*rothm*, *Myosotis stolonifera* (DC.) Leresche & Levier, *Gagea nevadensis* Boiss., *Narcissus cyclamineus* DC., *Tulipa sylvestris* e a *Droserae*.

#### 4.3. Alguns aspectos da fauna do biótopo da Serra da Freita

A fauna da Serra da Freita, motivado pela existência de habitats com composição e estrutura equilibrados para os mamíferos, é bastante rica e variada. Desta, é de destacar, pela sua importância na cadeia alimentar e pelo seu simbolismo, o Lobo ibérico (*Canis lupus*), embora a riqueza em aves de rapina seja muito significativa, com a presença do falcão peregrino (*Falco peregrinus*), a águia-de-bonelli (*Hieratus fasciatus*), águia cobreira (*Cinclus gallicus*), a águia de asa redonda (*Buteo buteo*), o peneireiro (*Falco tinnunculus*) e o milhafre-preto (*Milvius migrans*).

Os mamíferos, além do lobo e das principais espécies de caça (lebre, coelho e javali), são muito bem representados por espécies como a raposa (*Vulpes vulpes*), o texugo (*Meles meles*), o toirão (*Mustela putorius*), a fuinha (*Martes foina*), a gineta (*Genetta genetta*), o gato bravo (*Felis silvestris*) e a lontra (*Lutra lutra*)<sup>5</sup>.

No entanto, muitos outros animais habitam a superfície culminante e as vertentes mais elevadas da serra, em especial aves e répteis. Nos primeiros, e após a referência às espécies já mencionadas, são de referir o noitibó da Europa (*Caprimulgus europaeus*), o melro-de-água (*Cinclus*).

Por seu lado, os répteis são dominados pelo aparecimento da víbora negra (*Vipera latastei*), isto pelo cuidado que há a ter, em especial no período mais quente, embora outras cobras sejam vistas nesta área, como é o caso da cobra-de-água (*Natrix natrix*) ou da cobra-de-água viperina (*Natrix namura*). Muitas outras espécies se encontram, desde o lagarto de água (*Lacerta shreiberi*) ao tritão palmado (*Triturus helveticus*)<sup>6</sup>.

#### 4.4. Alguns aspectos geológicos

O Maciço da Gralheira deve a sua individualidade fundamentalmente a factores de ordem geológica. Desenvolvendo-se, à semelhança de grande parte do Portugal Central, em materiais do Maciço Hespérico (metassedimentos e granitóides), os seus limites são claramente dominados pela componente tectónica.

Sob o ponto de vista tectónico, e consequentemente quanto à própria delimitação, a Serra da Freita é dominada, à semelhança das restantes Montanhas Ocidentais do Portugal Central (Serras do Caramulo e Montemuro), pelo grande acidente tectónico Tardihercínico de Orense-Bacia

da Lousã na sua vertente oriental, embora a individualização do bloco superior da Serra da Freita se efectue, na totalidade pela tectónica. O desnível entre os níveis culminantes dos dois blocos do Maciço da Gralheira é provocado pela falha de Preguinho, dando forma à vertente sudeste, a falha de Vale Cambra-rio Douro que desnivela as áreas aplanadas da Superfície de Nabais dos níveis da S<sup>a</sup> da Lage, delimitando a serra a ocidente. A falha da Granja, separa os níveis que dominam o alvéolo de Arouca dos níveis superiores do Destrelo da Malhada, determinando os declives elevados da vertente norte.

No que respeita à litologia do sector em análise, esta apresenta materiais que vão desde os metassedimentos do Complexo Xisto-Gravauquico (xistos e grauvaques) aos granitóides hercínicos e tardihercínicos (quer os pertencentes à faixa granítica Viseu-Porto, quer os pequenos batólitos de instalação tardia de Arouca e Regoufe) passando pelos materiais que englobam as cristas quartzíticas (xistos e quartzitos, entre outros).

Esta aparente pouca diversidade transforma-se, no entanto, quando de uma análise mais aprofundada numa variedade de fácies determinantes muitas vezes para os diferentes mosaicos da paisagem da montanha e áreas envolventes.

Pela sua raridade importa referir, mesmo numa análise a nível mundial, o caso do granito de Castanheira: o pequeno afloramento que se observa junto à povoação de Castanheira na superfície culminante da Serra da Freita, é ponto obrigatório de passagem para todos aqueles que se interessam pelos assuntos das Ciências da Terra (em especial estudantes e professores de Geologia e Geografia Física). As conhecidas "pedras parideiras", são a designação popular de um granito que engloba nódulos biotíticos de dimensão variável. Inicialmente apresentados por ASSUNÇÃO e TEIXEIRA (1954), devem, segundo os autores, a sua particularidade a condições próprias nos momentos de consolidação das massas magmáticas que estiveram na origem das rochas graníticas.

#### 4.5. Principais aspectos geomorfológicos

A constatação da existência da superfície culminante bem como dos níveis aplanados encontrados nas vertentes e a própria configuração das vertentes, e numa análise diga-se superficial, deixa, desde logo, subentendida a importância da geomorfologia no "aspecto" desta área montanhosa.

Contudo, e dado os objectivos que nos propomos realizar, a análise geomorfológica vai incidir particularmente sobre formas ligadas aos diferentes domínios morfogenéticos mais recentes e sobre formas cuja dimensão e particularidades podem ser mais perceptíveis aos visitantes, e em especial aos alunos dos diferentes níveis de escolaridade.

Algumas das formas mais características prendem-se com os últimos momentos frios do Quaternário. Simulta-

<sup>5</sup> Esta última espécie tem sido referida fundamentalmente no biótopo do rio Paiva.

<sup>6</sup> Simples salamandras (*Salamandra salamandra*), rãs (ibérica e verde), sapo parteiro (*Alytes obstetricans*) e sapo comum (*Bufo bufo*) são, contudo, as espécies mais vulgares.

neamente ao aparecimento dos glaciares nas serras da Estrela e do Gerês, nesta montanha desenvolveu-se um outro tipo de modelado cujo estudo e conhecimento é decisivo para entender a importância do frio, a sua distribuição altitudinal e a sua intensidade: o modelado periglacial. Vários cortes que apresentam as características da associação tripartida, composta tradicionalmente pelos comboios de blocos, areias em leitos e areias em foice, que cobre grande número de vertentes cristalinas de declive atenuado dos maciços cristalinos da Europa Ocidental, foram encontrados na montanha em estudo (CORDEIRO, 1993). Também ligados de certa forma aos climas frios do Quaternários, aparecem alguns níveis da superfície culminante da serra, que, mesmo resultando de anteriores níveis aplanados de tempos provavelmente terciários e aproveitando pequenos acidentes ou ressaltos nas vertentes, tiveram o seu novo desenho a resultar de uma acumulação de núcleos nivais, os quais terão estado na origem, quer dos nichos de nivação, quer do retoque dos níveis referidos, que desta forma sofreriam uma modelação pelo gelo, pouco usual nas montanhas não sujeitas a glaciares.

Por seu turno, a riqueza de formas e formações relacionadas claramente com o Holocénico, torna o período mais recente do Quaternário como um dos mais atractivos no contexto do modelado da Serra da Freita.

A grande diversidade de vestígios encontrados, bem como as características climáticas tão diversificadas em todo o conjunto montanhoso e, em especial, o aparecimento do Homem como factor de interferência nas condições naturais, levam a que este período necessite de uma análise profunda.

A datação de um nível intermédio de incêndios de uma pseudo-turfeira cuja génese parece estar ligada aos primeiros tempos da nacionalidade, mostra claramente a proximidade temporal do desencadeamento de formas desenvolvidas nas próprias pseudo-turfeiras (CORDEIRO, 1990).

Uma das formas mais espectaculares e menos comuns do território português encontra-se ligada aos solos turfosos e traduz-se por uma enorme rede de canais subterrâneos e de uma grande quantidade de buracos à superfície — formas ligadas à escorrência hipodérmica ou sufusão. Com o coberto vegetal dos solos coluviais de tipo turfeira a ser constituído por um tapete contínuo de gramíneas, estão criadas as condições para uma eficácia diminuta, quer da escorrência superficial, quer do "splash". Deste modo, o escoamento dos grandes quantitativos de precipitação (valores superiores a 2000 mm), vai-se fazer através de canais subterrâneos situados entre as camadas superficiais dos solos e os depósitos mais antigos de tipo gelifluído que lhes estão na base (CORDEIRO, 1987).

Também nestes solos se observam pequenos degraus ligados à decapagem, enquanto que nos vales de altitude mais elevada (Alb. da Serra, Coelheira, Tebilhão e Malha Pão), onde estes são mais espessos e mais planos, observando-se pequenas formas individuais ou em pequenos grupos, as quais habitualmente se designam "thufur" ou

solos em "bossas". No entanto, a grande maioria resulta do povoamento, por parte das gramíneas, dos montes de terra resultantes do trabalho de mamíferos subterrâneos (Toupeira de água) ou mesmo da interacção entre os dois processos (CORDEIRO, 1990).

## 5. O PERCURSO HISTÓRICO DA REGIÃO<sup>7</sup> Os 5000 anos de povoamento

O impacte antrópico na Serra da Freita mergulha as suas raízes nos momentos que se irão seguir ao *optimum* climático após a transgressão flandriana, cerca de 5000 BP, que irá influir consideravelmente na linha de costa e do mesmo modo levar a modificações no coberto vegetal das zonas montanhosas do interior, pelo aumento do grau de humidade e aquecimento da temperatura.

Apesar de as condições serem mais propícias ao estabelecimento das comunidades humanas, tal não significou que os valores térmicos de então fossem idênticos aos dos nossos dias. A amplitude térmica seria muito mais acentuada, com as estações a manterem diferenças entre si, mais acusadas que nos dias de hoje.

Contudo, se comparadas com épocas anteriores, as condições seriam propícias a que, por volta dos meados/finais do 4º milénio a.C. começassem a estabelecer-se populações na serra. Provavelmente, com os seus *habitats* nas zonas abrigadas de encosta ou nos pequenos vales encaixados, tais populações portadoras já de uma economia de espectro alargado, em que a pastorícia de ovinos-caprinos e uma agricultura incipiente, de corte e queima<sup>8</sup> (o *Slash and burn* dos autores ingleses) fará a humanização de uma paisagem.

Dessas primeiras populações ficaram-nos as sepulturas: ocupando zonas destacadas na paisagem e de grande volumetria, aí enterraram os seus antepassados. Mas também, pela posição topográfica que tais túmulos ocupam, representam as marcas territoriais das próprias comunidades que os construíram, delimitando muito provavelmente os territórios principais de captação dos recursos indispensáveis à sua existência.

De base predominantemente agro-pastoril, deixam-nos, juntamente com as sepulturas dos membros das suas comunidades, parte significativa do seu instrumental quotidiano: elementos de projecteis utilizados nas surtidas de

<sup>7</sup> O texto sobre o percurso histórico da região, deve-se, numa fase inicial, ao arqueólogo Dr. Fernando Silva, a quem muito se agradece.

<sup>8</sup> A formação dos solos coluviais de tipo turfeira no caso da Serra da Freita tem vindo a ser considerada, como resultado da acção do factor antrópico sobre o meio natural, uma vez que estes não parecem estar directamente relacionados com factores climáticos. No sector oriental, mais precisamente no vale de Coelheira, a base destes depósitos foi datada por método C14, de cerca dos 5200 BP, enquanto que no sector ocidental, no vale de Tebilhão, esta mesma datação apresentou valores de cerca dos 5800 BP (CORDEIRO, 1992).

caça, de que nos chegaram apenas as pontas (pontas de seta), elementos de utensílios compósitos, de funcionalidade múltipla (geométricos, lâminas, etc.), as vasilhas de barro em que terão cozinhado ou armazenado os itens alimentares.

Da natureza retiraram tudo aquilo que a sua subsistência necessitava e, quando as necessidades utensilares não encontraram resposta no ecossistema ambiental que os rodeava, puseram "pés ao caminho", contactando com outras populações, estabelecendo redes locais e até regionais de aprovisionamento de matérias-primas e de produtos manufacturados (os utensílios em sílex, rocha que não existe na região, deverá ter chegado a estas populações através de contactos com outras comunidades que deles tinham fartura).

Por cerca de 3000 anos, irá decorrer sem grandes sobressaltos a vida destas comunidades. Contudo, no tecido sócio-económico deverão ter-se dado alterações estruturais de tal modo que a partir dos finais do 2.º milénio a.C., assistiu-se à emergência de novas práticas de tumulação dos membros das comunidades.

Agora, as sepulturas não se impõem à paisagem circundante, embora mantendo a aparência de colinas funerárias, a volumetria não é factor relevante — esta reduz-se a níveis tais que passa inclusive despercebida, mesmo ao mais atento, aconchegadas que estão as sepulturas nas chãs deprimidas, à "sombra" dos afloramentos. Também as câmaras sepulcrais sofreram grande redução, destinadas que estão, agora, a receber ou um indivíduo ou as suas cinzas. Tudo parece reflectir uma alteração das mentalidades, fruto da emergência provável de elites locais, cujo poder se baseará sobre o controlo das fontes de matérias-primas, do seu aprovisionamento e redistribuição. Surgirão assim, muito provavelmente, as pequenas chefaturas que, em nome das comunidades, privilegiarão o seu prestígio pessoal, de que as sepulturas de tradição megalítica, serão com toda a probabilidade o seu aspecto material mais visível para nós.

A nova dinâmica destas comunidades da Idade do Bronze, de que ainda pouco se conhece, parece contudo entroncar as suas origens nas primeiras comunidades agro-pastoris, e daí a manutenção do aspecto "mamelar" que as pequenas sepulturas ainda mantêm — o abandono destas práticas mortuárias de forma tão radical como o atestam os enterramentos em sepulturas planas, aqui não se conhece.

Dos povoados em que se estabelecem, o conhecimento é muito reduzido, só aparecendo aqueles melhor documentados para os finais da Idade do Bronze, como acontece com os povoados de altura da Chã do Carvalho e/ou provavelmente, em Parada. Contudo, não deverão ter havido grandes alterações ao nível dos *habitats*, os quais terão seguido sensivelmente o mesmo padrão organizativo de época neolítica: pequenos e nuclearizados, dispersando-se pela paisagem, só muito raramente se dispendo nos cabeços de média altitude.

A forma de ocupação do espaço, com o seu povoamento disperso e localizado nos sectores abrigados da montanha, deverá ter-se mantido inalterada até aos dias de hoje, embora actualmente a população seja certamente mais reduzida do que aquela que existiu nas épocas pré e proto-históricas.

Esta perduração dos modelos ancestrais de povoamento, mesmo durante o séc. I e épocas seguintes, não deverá ter sofrido alterações significativas, com a população da Serra da Freita a manter uma certa indiferença perante a política centralista e uniformizada dos Romanos<sup>9</sup>.

## 6. ASPECTOS CULTURAIS <sup>10</sup>

Viajar pela Serra da Freita é reviver o passado rural. As povoações sobressaem ao olhar do viajante em virtude de ainda conservarem uma tipologia genuína. O casario, os caniços e os moinhos de rodízio constituem o património construído transmitindo explicitamente a vivência da população rural. Assim a arquitectura popular presente insere-se harmoniosamente na paisagem pela utilização dos materiais da terra (xisto, granito, colmo). Embora espontânea, esta arquitectura transmite uma sabedoria popular, existindo uma conjuntura perfeita entre os recursos naturais, as exigências climáticas e a funcionalidade das construções, registando a imagem deste território.

A habitação típica da Serra da Freita caracteriza-se por um piso (raramente por dois pisos). Contíguas à habitação situam-se as instalações agrícolas nomeadamente os canastos com um traço arquitectónico a preservar, dada a sua originalidade.

Nos últimos anos, alguns aglomerados populacionais têm sofrido uma mutação com o aparecimento das "maisons" (ex: Albergaria da Serra); os telhados de lousa e colmo têm sido, entretanto, substituídos por telha, e os restantes materiais tradicionais são definitivamente abandonados. A identificação cultural destas comunidades está

<sup>9</sup> Embora alguns indícios (em particular a tradição oral) apontem no sentido de que também por aqui passou uma via importante da Lusitânia romana, que faria a ligação de Viseu ao Porto (a *Cale*), só por si este aspecto não é revelante para considerar que terá havido forte penetração dos Romanos na área da serra. Tudo pelo contrário parece indicar que as populações da Serra Freita se mantiveram alheados de todo o processo da "Romanização", mantendo-se apegados às práticas ancestrais, vivendo em parte num certo isolamento, derivado das próprias condições naturais da Serra da Freita.

Este isolamento das populações da serra, deverá ter sido só quebrado a partir da Idade Média, pela acção do Mosteiro que, entretanto criado no Vale de Arouca, se iria voltar para a montanha, na busca das matérias-primas que a serra propiciava, particularmente as madeiras das matas existentes e, com o alargamento das zonas de cultivo, aliás como o registo polínio, nas turfeiras, documenta (CORDEIRO, 1992).

<sup>10</sup> O texto sobre os aspectos culturais deve-se às geógrafas Dr.ª Lília Rebelo e M.ª do Céu Silva (REBELO e SILVA, 1993) a que muito se agradece.



deste modo ameaçada, sacrificada às exigências do progresso e do avanço dos padrões urbanos, com inovações que põem em risco o valor paisagístico da região.

Porém, a Serra da Freita mantêm-se em muitos sectores como um verdadeiro museu vivo. Além dos seus traços arquitectónicos, preserva ainda uma cultura tradicional de assinalável valor.

Os giros de rega permanecem ainda hoje nas minúsculas e pobres leiras da serra. Estabeleceram-se regras quanto ao direito à água de rega<sup>11</sup> enquanto que a agro-pastorícia da população serrana é testemunhada não só pelos nomes das povoações (Albergaria das Cabras, Cabreiros, Cabrum), mas também pelos usos e costumes ligados à actividade.

Albergaria da Serra, designação dada actualmente a uma freguesia da Serra, sofreu alterações ao longo do tempo (Albergaria do Monte Fuste, Albergaria, Albergaria da Serra, Nossa Senhora da Assunção de Albergaria e Albergaria das Cabras). A sua toponímia deve-se ao facto de ter existido uma pousada ou albergarias conforme testemunha uma lápide de granito existente na parede do cemitério<sup>12</sup>.

A leitura do "Cancioneiro de Arouca" levou-nos ao conhecimento das tradições do concelho, bem como de grande parte da região. Estas que são extremamente ricas, dada a sua diversidade, devem as suas características ao isolamento da população o qual terá contribuído para o enriquecimento das danças e cantares da região.

Os festejos religiosos e/ou profanos são ainda hoje pontos de encontros para os habitantes dos aglomerados serranos. Existem documentos que relatam um acontecimento anual que reunia as populações de Cabreiros e de Candal. A procissão à Serra do Coto de Nabo efectuada pelos párocos das duas freguesias e designada por Procissão da Mura, realizava-se na primeira sexta-feira e sábado do mês de Junho. Esta manifestação religiosa tinha como finalidade "afugentar os pequenos mamíferos roedores que por ali eram comuns e que se deleitavam com os frutos da terra".

A Capela da Senhora da Laje continua a ser local de manifestações religiosas além de podermos encontrar neste lugar um valioso testemunho de arte popular. A habili-

<sup>11</sup> Em Albergaria, o rego do rio continua a manter giros de rega de dez em dez dias. Este costume remonta à época em que existiam dez moradores. Na povoação de Tebilhão, os giros eram estabelecidos por processos naturais de medir o tempo. O início da rega era assinalado com o aparecimento da estrela da água por volta das 23 horas e 1 hora da manhã. O *giro da estrela*, como era conhecido, prolongava-se até ao nascer do Sol, altura em que se iniciava o *giro do Sol* e durante o dia sucediam-se diferentes giros. No centro do povoamento existia uma espécie de relógio de Sol que determinava os giros de água destinados a cada parcela ou leira.

<sup>12</sup> Esta placa encontra-se datada de 1641, e faz referência à albergaria como tendo sido um abrigo "para pobres e passageiros, com a obrigação de dar duas camas, uma para pobres e outra para ricos". Havia por tradição de pagar uma pensão a quem tocasse uma buzina, até uma determinada hora da noite, de modo a orientar passageiros perdidos na serra.

dade de trabalhar madeira está patente em várias "tabuletas" funerárias do cemitério. Estas, recortadas em madeira, eram decoradas com vidrilhos pintados e sobrepostas em folha de alumínio.

Além do artesanato e dos usos e costumes já mencionados há a salientar a rica gastronomia regional, nomeadamente a doçaria criada e divulgada durante séculos pelos ocupantes do Real Mosteiro de Santa Mafalda.

No presente, este recurso – aspectos culturais – é um dos mais procurados por um seguimento turístico de recursos financeiros e culturais elevados, pelo que o seu real aproveitamento deve ser equacionado não só individualmente, mas em conjunto com os restantes aspectos naturais ou de património construído.

## 7. PERSPECTIVAS PARA O DESENVOLVIMENTO INTEGRADO DA "ÁREA PROTEGIDA"

A constatação do potencial endógeno da Serra da Freita (natural, humano, cultural e construído) que se perspectivava pela análise dos pontos anteriores e a qual não se trata de mais do que uma abordagem superficial de algumas das diferentes temáticas a analisar no futuro, deixa claro que é um dever das actuais gerações preservar um dos refúgios naturais e culturais que ainda hoje se encontram no território português.

À indescritível riqueza do "património natural" que vai do campo paisagístico ao da diversidade dos ecossistemas passando pelos pormenores geológico, geomorfológico, florístico e faunístico, e dos quais se deve realçar, pela necessidade de se classificar como "Monumento Natural", os nódulos biotíticos de Castanheira, ou mesmo de proteger algumas espécies em perigo ou em vias de extinção, deve associar-se a observação de testemunhos de uma ocupação humana milenar.

Encontra-se, desta forma, a Serra da Freita em perfeitas condições para nela se criar uma área protegida de índole intermunicipal. Com o potenciar das riquezas naturais e patrimoniais através da classificação da Serra da Freita, deverá ser equacionada a forma de rentabilização dessa mesma figura, caminhando-se para um desenvolvimento integrado com base num conjunto de acções tendentes à concretização de um Plano de Ordenamento elaborado em conjunto pelos três municípios, e com o apoio de todas as instituições públicas e privadas que possam vir a ter um papel relevante no desenvolvimento integrado da área a definir.

Nesse sentido, e quando se observa a estrutura sócio-económica deste sector, com as freguesias serranas a apresentarem uma evolução negativa da população residente, com valores de mais de 15% (no caso de Candal é mesmo superior aos -35%), e quando os valores percentuais da actividade no sector primário são superiores a 70% (a freguesia de Manhouce atinge mesmo os 90%), ou os índices de envelhecimento apresentam valores superiores

a 15%, algo terá de ser feito imediatamente<sup>13</sup>. Assim, toda a requalificação profissional deve passar por acções de informação e formação que observem as necessidades e os caminhos que se pretendem para esta área, perspectivando, dessa forma, uma maior fixação futura das populações mais jovens, bem como melhorar as condições de vida dos mais idosos, com a criação de possíveis actividades alternativas ou complementares à actividade principal.

Se, num primeiro momento, esta tentativa de fixação se deve dirigir fundamentalmente para as populações serranas (em especial aos mais jovens) num segundo momento, esta deve direccionar-se a todo um conjunto de indivíduos (empresários ou não) que, com os avanços tecnológicos ligados ao espaço global, (relacionados com as novas tecnologias), vai permitir a instalação em sectores periféricos de profissionais habitualmente encontrados nas grandes urbes, mas que por questões de filosofia de vida, cada vez mais se instalam fora destas.

Também a observação dos problemas inerentes às insuficientes e débeis infra-estruturas hoteleiras (onde só S. Pedro do Sul se apresenta como pólo de atracção, e mesmo neste caso só há pouco se observou uma tendência para a renovação da oferta antiga), deverá ser incrementado todo um conjunto de medidas que levem à expansão, modernização e diversificação da oferta de alojamento. Sob o nosso ponto de vista, inicialmente tal acção deveria visar a criação de três parques de campismo de pequena dimensão<sup>14</sup>, articulados entre si, e a reconstrução de habitações nas pequenas povoações, isto com vista ao turismo rural e de montanha<sup>15</sup>.

<sup>13</sup> Valores encontrados a partir dos dois últimos censos de população – 1981 e 1991.

<sup>14</sup> Desde o ano de 1993 que as nossas perspectivas de criação de parques de campismo no sector mais elevado da Serra da Freita visam a não edificação de mais do que três pequenas unidades, uma por cada concelho envolvido. Esta posição visava fundamentalmente a junção de duas componentes fundamentais: criar mais possibilidades de alojamento e criar condições de tipo tampão para obstar ao acesso caótico de turistas motorizados que invadem regularmente a serra. Assim, os pontos de entrada da serra (cada parque seria instalado nas vias de acesso directo) visavam, a partir de centros interpretativos a instalar, a possibilidade de utilização dos circuitos temáticos ou gerais ligados aos principais factores endógenos, e que poderiam ser realizados, quer a pé, quer de BTT. Retirava-se, desta forma, um grande número de veículos da superfície culminante, poupando uma pressão elevada sobre o meio ambiente, claramente prejudicial para a área protegida.

<sup>15</sup> Tem vindo a ser ventilada a construção de raiz de uma estalagem, na superfície culminante. Parece-nos, contudo, que a construção de um edifício com estas características, habitualmente feito desinserido do meio envolvente, deverá ser equacionada, uma vez que existindo todo um conjunto de povoações da área de intervenção que presentemente se encontram total ou parcialmente despovoadas, poderá seguir-se o caminho de criação de uma estalagem baseada na reconstrução de um conjunto de edifícios desabitados dos núcleos habitacionais em degradação. Esta reconstrução, serviria, aliás, de exemplo para as populações serranas com vista à recuperação das suas aldeias, isto porque poderá perspectivar uma melhoria de condições de vida, mesmo mantendo os materiais e as tradições da área.

Com a concretização da “área protegida” e com o desenvolvimento das acções tendentes ao desenvolvimento de uma nova tipologia de turismo (formação profissional, alojamento, divulgação<sup>16</sup>, etc.), deverão potenciar-se variadas actividades. Toda a riqueza endógena, poderá desde logo visar a criação de circuitos temáticos (ou globais), isto do ponto de vista geológico, geomorfológico, biológico, histórico, arqueológico, arquitectónico e cultural, o que associado à espectacularidade da paisagem, motivaria, só por si, uma maior procura por parte de um segmento turístico cada dia mais importante: o turista cultural e ambiental pertence na generalidade a um estrato populacional médio-alto, tanto sob o ponto de vista económico como do ponto de vista cultural.

Paralelamente devem criar-se as estruturas que visem um melhor conhecimento do “país real” por parte das populações urbanas (em especial a que tem contacto visual com a serra) e o incrementar de relações Escola/Meio no âmbito de todo o universo escolar (básico, secundário e universitário). Este objectivo, bem como o da educação ambiental, encontrar-se-ia vocacionado para uma ligação profunda com os docentes que leccionam Ciências da Terra. Aliás, a crescente, e cada vez mais necessária interdisciplinaridade entre as Ciências da Terra (Geografia Física, Geologia, Biologia e Ecologia) e as Ciências Humanas (Geografia Humana, História, Arqueologia, Antropologia e Sociologia), levam a que este projecto seja efectivado rapidamente.

Aliás, as difíceis condições em que muitas vezes as disciplinas ligadas a estas Ciências são leccionadas, com os materiais de apoio pedagógico inexistentes ou degradados, parece tornar a criação do “Laboratório Natural” um importante factor, quer na definição de projectos área-escola, quer na leccionação das diferentes matérias.

As riquezas de índoles natural e humana da Serra da Freita inventariadas ao longo das últimas décadas por geógrafos, geólogos, biólogos, sociólogos, arqueólogos e historiadores tornam, devido à sua diversidade, esta área como um local ideal para a criação desse “Laboratório Natural”<sup>17</sup>.

Este laboratório enquadrar-se-ia num projecto mais vasto de protecção ambiental e desenvolvimento integrado, onde a criação de uma “Área Protegida” levaria ao enquadramento de todo um conjunto de projectos área-escola no âmbito de uma maior consciencialização ambiental das populações escolares.

<sup>16</sup> A medida seguinte à criação de novas infra-estruturas deverá passar, forçosamente, pela real promoção turística das regiões do interior, isto contrariando a crónica insuficiência ou mesmo inexistência desta.

<sup>17</sup> É por todos estes factores que, desde logo, se considera que esta área se apresenta capaz de se enquadrar como um “Laboratório Natural” ou mesmo um “Museu Vivo do Mundo Rural”, tendo como objectivo primeiro, uma capaz interligação ao meio envolvente. Poderiam, deste modo, criar-se as estruturas que visariam um melhor conhecimento do “país real” por parte das populações urbanas e o incrementar de relações Escola/Meio no âmbito de todo o universo escolar.

Este facto, uma vez que na região se encontram definidos dois biótopos (Serra da Freita e Vale do Paiva) onde se encontram espécies endémicas, raras, vulneráveis e em perigo de extinção, poderia tornar-se decisivo para a formação de um conjunto de indivíduos autóctones capazes de se interessarem pela conservação e desenvolvimento ambiental, o que levaria a uma conseqüente melhoria das condições ambientais da região num futuro próximo, bem como no geral da melhoria das condições de vida das populações locais.

Paralelamente, existirão todas as condições para perspectivar viagens de estudo escolares a uma região onde as grandes mutações da paisagem são ainda atenuadas, o que potenciará a constatação de "mundos" diferenciados (urbano e rural) em áreas muito próximas (dentro do campo visual), bem como a possível comparação, em termos de ambiente natural, entre áreas litorais (Reserva Natural de S. Jacinto) e áreas de montanha (Serra da Freita), e mantendo sempre presente que no âmbito do ambiente:

*A um melhor conhecimento — uma melhor protecção.*

Também no âmbito de uma melhoria significativa do meio ambiente, e isto num campo muito mais vasto do que a simples preservação do espaço de média montanha, no futuro plano de ordenamento deverá sempre ser pensado um dos factores primordiais da economia destas áreas: a floresta. Assim, e após mais de 5000 anos de povoamento e de incêndios, deve ser claramente desenvolvido um reordenamento florestal da Serra da Freita, isto através de uma importante reflorestação, perfeitamente enquadrada com as condições climáticas e edáficas, visando uma melhoria significativa da economia familiar ou comunitária, facto que levará ao incentivo da limpeza de florestas e recuperação de baldios, de forma a que se faça uma eficaz prevenção dos incêndios florestais e se diminua consideravelmente a erosão hídrica observada em largos sectores da montanha.

Todos os aspectos turísticos que foram já referidos prendem-se de uma forma directa com a serra. Porém, estes devem passar, antes de mais, pela inserção num turismo regional, o que vai levar a uma maior diversidade na oferta turística.

Nesta perspectiva deve referir-se o caso dos grandes recursos termais de S. Pedro do Sul, cuja retoma deverá, antes de tudo, pela reestruturação do habitualmente designado "turismo de saúde" e pela criação de novas ofertas que passariam, entre outras, pela sua ligação com o turismo alternativo e, de que o ambiental, pedagógico e cultural da "Área protegida" seria o melhor exemplo.

Desta forma, o desenvolvimento integrado e sustentado da Serra da Freita deverá passar, entre outras formas, pelo incentivo a um turismo alternativo ao turismo Sol/Praia do litoral com o aproveitamento do imenso potencial endógeno para o turismo da natureza, de montanha, rural, etc. Seria assim possível uma grande diversidade na

oferta turística para um segmento cada vez mais rentável, quer no mercado português, quer no internacional.

A constatação das dificuldades existentes na boa coabitação entre as populações, as autarquias e as Áreas Protegidas, Reservas Naturais e Parques Naturais, leva-nos, desde logo, a alertar, aquando da criação da Área Protegida da Serra da Freita, para a necessidade de esta servir não só para criar mais valias aos visitantes e às autarquias, mas, fundamentalmente, para a concretização de melhores condições de vida das populações residentes, levando-as a considerar a construção de um espaço de desenvolvimento, como algo de seu e não algo que lhes é imposto pelas respectivas autarquias, vindo a ser considerado como algo das "gentes dos vales".

As próprias autarquias terão de assumir que o investimento em aspectos como os da melhoria das condições de saúde (permanência ou visita regular de pessoal médico e de enfermagem às freguesias de montanha), das vias de comunicação entre as povoações serranas e as sedes de freguesia e de concelho, ou mesmo das infra-estruturas de saneamento básico e pavimentação das vias internas das aldeias, têm de ser encaradas como um investimento, cujo retorno poderá vir a ser demorado e que só será visível quando se sentir o novo pulsar destas áreas a ritmos próximos dos sectores das sedes de concelho. Que melhor retorno do que aquele que é o sentir que parte da sua área de influência recuperou a vida e tem nessa altura um desenvolvimento sustentado.

No entanto, a criação da "Área Protegida" da Serra da Freita não deverá ser vista como uma "poção milagrosa" capaz de todo um desenvolvimento sustentado deste sector carenciado. Se o turismo alternativo nos parece ser um ponto fundamental para esse desenvolvimento, e por associação dos três concelhos em que a área está inserida, ele tem que ser pensado, antes de tudo, com o objectivo primordial da melhoria das condições de vida e de fixação das populações de forma a estancar-se o êxodo populacional que se vem observando nas últimas décadas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSUNÇÃO, C. T. e TEIXEIRA, C. (1954) – "Un remarquable phénomène de granitisation: la roche granitique à nodules biotitiques de la Serra da Freita, Arouca (Portugal)". *Bol. Mus. Lab. Min. Geol. Faculdade de Ciências*, nº 22, 7ª série, Lisboa.
- CORDEIRO, A. M. Rochette (1987) – "A sufosão como processo morfogenético do domínio actual nas Montanhas Ocidentais do centro-norte litoral de Portugal". *Cadernos de Geografia*, nº6, I.E.G., Coimbra, pp 207-215.
- CORDEIRO, A. M. Rochette (1988) – "A Evolução das Vertentes da Serra da Freita no Quaternário Recente".

- Cadernos de Geografia*, nº 7, I.E.G., Coimbra, pp. 87-133.
- CORDEIRO, A. M. Rochette (1990) – “Paleo-ambientes holocénicos e erosão: Interface clima, vegetação, Homem. O exemplo da centro-litoral português”. *Cadernos de Geografia*, nº 9, I.E.G., Coimbra, pp. 61-79
- CORDEIRO, A. M. Rochette (1993) – “Dinâmica de vertentes nos Pleniglaciários e Tardiglaciário würmianos nas Montanhas Ocidentais do Centro-Norte de Portugal. A importância do gelo de segregação”. *Actas da II Reunião do Quaternário Ibérico*, Madrid, pp. 881-888.
- DIREITO, A. C. (1970) – *As pastagens do planalto da Serra da Freita. Contribuição para o seu melhoramento*. Inst. Superior de Agronomia, Lisboa, 218 p.
- FERREIRA, A. B. (1978) – *Planaltos e Montanhas do Norte da Beira. Estudo de Geomorfologia*. Memórias do Centro de Estudos Geográficos, nº 4, Lisboa, 374 p.
- GIRÃO, A. (1922) – *Bacia do Vouga. Estudo geográfico*. Coimbra, 190 p.
- PEREIRA, E., Gonçalves, L.S.M. e Moreira, A. (1980) – *Notícia explicativa da folha 13-D (Oliveira de Azeméis)*. Lisboa, Serv. Geol. de Portugal, 68 p.
- REBELO, Lília do SILVA, M<sup>ª</sup> do Céu (1993) – *Serra da Freita. Área de paisagem a proteger*. Relatório policopiado, Porto, 25 p.